

LM: A inoportuna desbocagem do kota Machete

A inoportuna desbocagem do kota Machete
por: Eugénio Costa Almeida©

Rui Machete, o actual MNE (Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, antes só Ministro dos Negócios Estrangeiros) — pelos vistos para os portugueses qualquer relacionamento internacional só continua a se fazer pela via do negócio — teve um encontro imediato de primeiro grau com uma certa comunicação social angolana, oficiosa, onde terá apresentado eventuais “desculpas diplomáticas” pelos casos que, habitualmente, e de quando em quando, a nossa comunicação social oficiosa faz emergir das profundezas das secretárias dos jornalistas (não dos Jornalistas) que por lá enxameiam e que servem para acirrar alguns ódios de estimação contra a Justiça portuguesa e contra alguns políticos e intelectuais lusos (as chamadas “elites corruptas e caloteiras”; o que se estranha porque parece-me que não há políticos mais subservientes aos políticos e ordenantes estrangeiros que os políticos lusos, e não é de agora...). Tudo porque Rui Machete, na habitual linha portuguesa de bem com Deus e com o Diabo, reconhecida no tempo de Oliveira Salazar como “neutralidade colaborante”; achou por bem, evidenciando a necessidade de manter fora do rectângulo português umas dezenas de milhares de emigrantes que se encontram em Angola — nem para o que ainda estão em Portugal há “espaço sócio-económico”; quanto mais para os que possam regressar daí que Machete tenha dito que o fez em “defesa do interesse nacional, a protecção dos portugueses que trabalham em Angola e da nossa economia”; — falar no que não deveria ter feito; falou em problemas de Justiça. Não deveria fazê-lo, não porque não é enquadrado nas suas funções de relações exteriores, enquanto tratadas a esse nível, mas porque o fez junto de um órgão informativo comunicacional ultrapassando, claramente, as suas competências e entrando num domínio que, mesmo conhecendo da matéria por razões profissionais e, por isso mesmo, também elas restrictas, lhes estavam vedadas. Nem por razões diplomáticas um ministro de um Estado, enquanto não o faça pela via das suas funções e intra-pares, pode ou deve entrar no domínio que não é o seu. Compreende-se que o ministro Rui Machete achasse poder diluir algumas desconfianças que perduram entre alguns sectores angolanos quanto a eventuais processos de investigação que correm na Justiça — na lentérrima Justiça — portuguesa fazendo uso dos seus anteriores conhecimentos profissionais, ou como ele diz, “minimizar os efeitos danosos”; Talvez que o kota ministro tenha tido bons sentimentos e boas intenções. Mas de boas intenções está o inferno cheio e viu-se que, embora não tenha sido demitido — pedidos para isso não lhe faltaram — foi claramente desconsiderado pelo seu primeiro-ministro quando este disse que Machete teve “expressão menos feliz”; e que nesta altura. Sob pressão, nunca o demitira. Para bom entendedor, meia palavra bastaria. Para uns, o que se passa é um assassinato político contra Machete, para outros, um autêntico suicídio. Na realidade, foi só ingenuidade de um kota perante quem não tem pudor nem pruridos para usufruir vantagens pessoais perante as chefias a quem serve de forma amouca! ©Artigo de Opinião publicado no portal Luso Monitor, em 10-Outubro-2013, (<http://www.lusomonitor.net/?p=1173>)